

Abrem as inscrições para os cursos da escola de cinema

Projeto andreense aceita alunos nas modalidades roteiro, direção, fotografia e história da imagem

Alessandro Soares
Da Redação

O Grande ABC terá um pólo regional de produção audiovisual em tecnologia digital graças à criação da Escola Livre de Cinema e Vídeo em Santo André. Um encontro entre os coordenadores, professores e convidados, hoje à noite, no prédio da Biblioteca no Paço Municipal, marcará o início das atividades. As inscrições estarão abertas de amanhã até 6 de julho para os interessados em cursos gratuitos de roteiro, direção, fotografia e história da imagem.

A nova escola, iniciativa da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, terá sua sede no Cine-Teatro Carlos Gomes e o início das aulas está previsto para 20 de agosto, com duração de seis meses. Os fundamentos são os mesmos da ELT (Escola Livre de Teatro), sem finalidade profissionalizante. A escola formará realizadores em cinema e vídeo, tendo como cenário a região. Além disso, desenvolverá posturas críticas e estéticas sobre a realidade, com produções de baixo custo.

Para tanto, serão usadas câmeras digitais, muito mais baratas do que os equipamentos com películas em celulóide que têm, no entanto, qualidade de imagem superior. Um longa-metragem nacional de boa qualidade custa hoje, em média, R\$ 1 milhão, quando feito em película. Em câmera digital, seria feito com até 20% desse total.

A escola dará ao aluno noções nas duas técnicas, mas as futuras realizações serão em digital. Waldemar Lima, que trabalhou com Glauber Rocha em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, entre outros filmes, ministrará aulas de fotografia e iluminação cinematográfica, tanto em película como em digital.

A noção "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça" será ampliada na escola, mas os holofotes não ficarão somente sobre o diretor. Os cursos es-

timularão a criação em direção e fotografia, mas a ênfase é mesmo o ensino de roteiro, a principal carência do cinema brasileiro.

"A escola será um lugar de experimentação. Os bons roteiristas do Brasil são sempre os mesmos. Queremos dar uma base artística para que as individualidades criativas apareçam. O importante é a realização", diz Luís Alberto de Abreu, um dos coordenadores da escola e professor de roteiro (co-autor de *Kenoma*, entre outros filmes). Toni Venturi, diretor do inédito *Latitude Zero*, dará aulas de direção e Leandro Saraiva é o professor de história da imagem.

Abreu também coordena a ELT, cuja experiência serviu de modelo para a Escola Livre de Cinema e Vídeo. "Não usaremos necessariamente atores da ELT nas futuras produções, mas abriremos espaço para atores da região", explica o coordenador. "A nova escola será uma irmãzinha da ELT, com cursos semestrais, utilizando tecnologia digital", diz Acyline Belisomi, secretário de Cultura, Esporte e Lazer. Ele não descarta, no futuro, uma troca de experiências com a Escola Internacional de Cinema de Cuba, onde esteve há duas semanas.

No ano que vem, começam as aulas de produção e edição. A idéia é formar núcleos de criação, com diretor, roteirista, fotógrafo, produtor e editor. A realização, longas ou curtas, está prevista para 2003. A Escola deverá ter, ainda, um curso de documentário.

Seleção – Qualquer pessoa poderá se candidatar aos cursos, devendo optar entre roteiro, direção ou fotografia. História da imagem é disciplina comum. A ficha de inscrição está disponível na Internet, no site da Prefeitura (www.santoandre.sp.gov.br) no ícone *Notícias*. O candidato passará por duas etapas de seleção: a partir de dados da ficha e entrevista pessoal. As aulas acontecerão de segunda a quinta-feira, das 19h às 23h, no Paço Municipal de Santo André e no Cine-Teatro Carlos Gomes. □

Interessados têm até 6 de julho para garantir vaga; cursos são gratuitos

Rodrigo García faz sua estréia como diretor

Patrícia Vilani
Da Redação

■ A solidão feminina em suas diversas formas é o tema central de *Coisas que Você Pode Dizer Só de Olhar para Ela* (*Things You Can Tell Just by Looking at Her*, EUA, 2000), do estreante Rodrigo García, filho do escritor Gabriel García Márquez, e outro filme disponível em São Paulo.

A história é delicada e mostra grande sensibilidade do diretor. São cinco tramas que se cruzam por meio de eventos estranhamente entrelaçados, sobre casos de amor e solidão. Tudo começa com a detetive Kathy Faber



Glenn Close interpreta a doutora Elaine Keener

(Amy Brenneman), que chega à cena de um crime e encontra uma antiga colega de escola morta, aparentemente por suicídio.

Paralelamente, a doutora Elaine Keener (Glenn Close), em um intervalo entre os cuidados com a mãe idosa, consulta a cartomante Christine (Calista Flockhart), que lhe diz verdades dolorosas. As mesmas verdades são repetidas por uma mendiga a Rebecca Weyman (Holly Hunter), gerente de um banco e amante de um homem casado. Quando se descobre grávida, envolve-se com um de seus assistentes, Walter (Matt Craven).

A melhor história se passa com Rose (Kathy Baker), escritora de livros infantis e mãe solteira de Jay (Noah Fleiss), um garoto de 15 anos. Ela se sente estranhamente fascinada por seu novo vizinho, um anão, e não sabe como agradá-lo sem ser preconceituosa.

A trama se volta para a cartomante Christine, que apesar de tratar bem os problemas dos outros é uma negação quando se trata dela mesma. Sua namorada, Lilly (Valeria Golino) é doente terminal. Christine é prestativa com os cuidados médicos, mas não consegue mais expor seu amor por Lilly ao vê-la morrer.

A detetive Kathy, ao voltar para casa, presencia sua irmã Carol (Cameron Diaz) se preparar para mais um encontro. Nada anormal, se Carol não fosse cega e Kathy não tivesse anulado sua vida para cuidar da irmã. O humor ácido de Carol desperta uma observação curiosa de Kathy, que passa a compará-la com a amiga morta pela manhã.

O mexicano García conduz o bom roteiro justamente respondendo à questão levantada pelo título longo, mas auto-explicativo. Retrata assim um universo mágico de sutilezas, anseios e decepções e faz uma bela homenagem às mulheres. ★★★

Belo visual compensa fraco roteiro de 'Vatel'

Patrícia Vilani
Da Redação

■ Indicado ao Oscar de direção de arte este ano, *Vatel – Um Banquete para o Rei* (*Vatel*, EUA, 2000), de Roland Joffé e baseada na peça de Jeanne Labrune, é uma das estréias nos cinemas paulistanos. Belíssimo visualmente, mas com um roteiro mediano, o filme se baseia em uma história real para retratar os desvairios de uma vila ao tentar agradar ao rei Luis XIV, de Versailles. Em 1671 o monarca se viu questionado sobre declarar guerra ou não.

Com sua província no oeste da França à beira da ruína, o Príncipe de Condé (Julian Glover) tem um plano para salvar a região. Convida o rei e a corte para seu castelo de campo para impressioná-lo com um fim de semana de muitas festas e diversão. Se conseguir reconquistar Luis XIV (Julian Sands), os cofres reais se abrirão e a província estará salva do desastre econômico.

A ambição de Condé vai ainda mais longe: se o rei declarar guerra à Holanda, ele espera ser o nome escolhido para liderar as tropas de Versailles. O próprio Luis XIV teria comentado que Condé, apesar de velho e



Fernandes

doente, seria o único capaz de comandar a importante missão.

Aceito o convite, toda a responsabilidade passa para as mãos do servil Vatel (Gérard Depardieu), o único homem da região capaz de oferecer a comida suntuosa e o entretenimento elaborado dignos de um rei. O servil terá ainda de driblar a falta de recursos para comprar a matéria-prima dos banquetes.

Com a chegada da corte, Vatel passa a notar e ser notado por Anne de Montausire (Uma Thurman), a dama de companhia da rainha. Mas encontra pela frente um opositor de peso que também está de olho na bela jovem, o Marquês de Lauzun (Tim Roth), amigo íntimo do rei. Anne, no entanto, é obrigada a seguir as ordens de Luis XIV e encontrá-lo em seus aposentos.

A representação da corte francesa é absolutamente fiel. O poder abusivo do rei, as damas que lhe serviam de amantes, a aceitação da rainha e a briga entre egos entre as várias camadas hierárquicas da corte são o ponto alto de *Vatel*. E, como um bom drama, culmina com uma tragédia, causando assim o impacto esperado pelo público. ★★★

Chega à telona uma sinfonia de imagens

Alessandro Soares
Da Redação

■ *Tônica Dominante* é um filme de cores e sons. Ao contrário do que possa parecer a primeira vista, não é uma recital filmado, mas uma sinfonia em imagens, executado em três movimentos como uma sonata. A diretora Lina Chamie, filósofa e mestre em clarineta pela New York University, estréia no cinema

em longa-metragem, dirigindo Fernando Alves Pinto (*Terra Estrangeira*) como protagonista de uma metáfora musical elaborada a partir da fábula de Anfião, sobre criação artística e amor. Vera Zimmermann, Vera Holtz e Carlos Gregório estão no elenco e o filme está em cartaz no circuito paulistano.

Tônica Dominante demorou para sair em função do acidente com Fernando, que em 1996 caiu de uma bicicleta e teve traumatismo craniano, seguido de coma, estado em que ficou durante uma semana. Ao voltar à consciência, tinha regredido à idade mental da infância. Até

então, havia participado de uma semana de filmagens. A terapia e o aprendizado com clarineta, segundo ele, ajudaram em sua recuperação.

O filme é uma história de amor e das sensações que este sentimento evoca. A música, especialmente a *Sinfonia Inacabada* de Franz Schubert, dá o tom dominante. Como o processo de criação, que busca a luz, o filme evolui em tonalidades do azul

escuro, passando pelo vermelho e amarelo, cronologia cromática de três dias da vida de um clarinetista, em busca tanto de uma troca de olhar cúmplice com a spalla de uma orquestra (Vera Zimmermann) como um

lugar ao sol em um concerto. A maneira como a diretora retrata esta história vale ser ressaltada, especialmente pela fotografia de Kátia Coelho, das dunas áridas à exuberância da criação musical, expressa pelo concerto no Theatro Municipal de São Paulo. A montagem é do andreense Paulo Sacramento. Não é uma narrativa linear padrão, mas uma ousadia estética bem-vinda. ★★★

'Tônica Dominante' é opção apenas em salas de São Paulo



Filme retrata desvairios de uma vila que tenta agradar ao rei francês



O ator Fernando Alves Pinto em cena do filme de Lina Chamie